

Desvendando mundos: lendo e escrevendo com os olhos, o pensamento e a imaginação com uma turma do terceiro ano de uma escola pública

Grazielle Eloísa Balduino¹, Myrtes Dias da Cunha²

Resumo

O presente texto apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida em 2013 em uma escola pública municipal na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, com uma turma de 3º ano do ensino fundamental. O trabalho tem, como norteameto metodológico, a pesquisa qualitativa e etnográfica, na qual a presença do pesquisador é intensa no campo. O cotidiano dessa turma era sempre surpreendente. As crianças, a cada dia, nos mostravam que, além de aprender a decifrar códigos da escrita, elas precisavam ser escutadas, respeitadas e que também escreviam e se expressavam por meio de desenhos-escritas, movimentos corporais e da fala. A pressão para a alfabetização e o letramento das crianças é grande sobre elas e sobre os professores. O importante é empurrar a escrita e a leitura com muitas cópias. O tempo para aprender e conversar sobre elas, seus desejos, suas angústias e saberes quase não existe. As crianças tentavam, nos entretempos e nas ações que começamos a desenvolver com elas, fazer tudo aquilo que precisavam, mas não podiam: se expressar de diferentes maneiras. A escola e o sistema se preocupam muito mais em resultados e estatísticas que com a verdadeira aprendizagem humana e fertilizadora das crianças.

Palavras-chave

Imaginação. Desenhos. Ensino-aprendizagem.

1. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, professora da rede municipal de ensino de Uberlândia. E-mail: balduino.grazielle@gmail.com.

2. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professora associada II da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: myrtesufu@gmail.com.

Unveiling worlds: reading and writing with eyes, thought and imagination with a 3rd grade class in a public school

Grazielle Eloísa Balduino*, Myrtes Dias da Cunha**

Abstract

The present article is part of a research master's thesis which was developed in 2013 in a public school in the city of Uberlândia, Minas Gerais with a third grade class. The everyday life of this class was always amazing. Every day, they showed us that, besides learning to decipher codes of writing, they needed to be heard, listened to and respected. They also wrote and expressed themselves through drawings, body movements and speech. The pressure for the children's literacy was too great on them and on the teachers. What mattered was to make students read and write through copies. The time to learn, to talk about themselves, their desires, their fears and knowledge almost did not exist. Therefore, the children tried, between classes and actions that we began to develop with them to do whatever they needed, but could not: to express themselves in different ways. The school and the system worry more about results and statistics than about real human learning and children's fertilizer.

Keywords

Imagination. Drawings. Teaching-learning.

* Msc in Education, Federal University of Uberlândia, state of Minas Gerais, Brazil. E-mail: balduino.grazielle@gmail.com.

** PhD in Education, State University of Campinas, state of São Paulo, Brazil; professor, Federal University of Uberlândia, state of Minas Gerais, Brazil. E-mail: myrtesufu@gmail.com.

Introdução

O presente texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa desenvolvida em 2013, em uma escola da rede municipal de ensino de Uberlândia, Minas Gerais. Participou da pesquisa uma turma do 3º ano do ensino fundamental, com 22 crianças que, na prática, eram 18 estudantes. O cotidiano dessas crianças era sempre surpreendente. A cada dia, elas nos mostravam que, além de aprender a decifrar códigos da escrita, elas precisavam ser escutadas, respeitadas e que elas também escreviam e se expressavam por meio de desenhos, movimentos corporais e da fala.

A versão inicial do projeto de pesquisa priorizou as brincadeiras, os brinquedos robóticos e sua relação com o aprender das crianças na escola como pontos fundamentais a serem investigados. Brinquedos robóticos potencializam a aprendizagem das crianças? De que maneira? Essas questões, antes de irmos a campo, norteavam a pesquisa. Propusemos elaborar uma discussão sobre quais eram as preferências das crianças em relação aos brinquedos robóticos e outros brinquedos e sobre os significados e os sentidos do brincar com eles. Os questionamentos anteriores reestruturaram-se ao estarmos com as crianças na escola.

A escola é um terreno fértil de ensinamentos e pode construir uma educação bancária ou libertadora. A educação bancária consiste em alfabetizar na repetição da palavra, na “palavraria sem sentido”, sem significado e descontextualizada. Na educação libertadora é essencial que

os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 2011, p. 166).

Que tipo de educação estamos

desenvolvendo com as crianças nas escolas, sejam elas particulares ou públicas? Leonardo Boff (2011, p. 1), ao dizer que: “as grandes crises comportam grandes decisões”, nos confirma a importância de termos decidido por outros caminhos da pesquisa ao percebermos que a estrada que estávamos trilhando não se identificava com as questões iniciais propostas. Ao invés de estudarmos brinquedos tecnológicos, interesses, e possíveis brincadeiras das crianças com estes objetos, passamos a observar melhor as relações que as crianças estabeleciam entre elas e com os adultos, nos diferentes ambientes da instituição educacional, e as brincadeiras que as próprias crianças desenvolviam livremente no recreio e até mesmo na sala de aula. Nosso foco se deslocou dos brinquedos para as culturas infantis na escola.

Estudar e compreender o papel do brinquedo na brincadeira deixou de ter relevância para nós, dando lugar, assim, ao interesse pelo brincar, pelo relacionamento das crianças e pelas ligações que fundamentam as brincadeiras nos diversos espaços da escola, até mesmo no curto momento de ir ao banheiro e/ou tomar água. Nessas oportunidades, constatamos que elas se sentiam livres para executar ações diferentes e imaginativas: pular, dar cambalhotas, movimentar o corpo, mexer com os colegas que estavam nas outras salas de aulas, espirrar água nas paredes e em si mesmas, fazer caretas em frente ao espelho do banheiro, entre outras.

Reconhecemos que a realidade da escola e o trabalho com as crianças diziam coisas que o nosso projeto inicial não conseguia acolher, tematizar e refletir. Muitos foram os sinais (reclamações orais e desmotivação) apresentados pela escola e pelas crianças do 3º ano como se quisessem dizer-nos o que poderia ser modificado: a falta de espaço físico adequado e de qualidade (com mais árvores); parque com brinquedos; salas e muros da

escola bem pintados; biblioteca com livros ao alcance delas; sala para artes, teatro e cinema, entre outras. Muitas vezes, a agressividade com os seus pares e/ou com os adultos tornou-se a manifestação mais usada pelas crianças para expressar suas angústias e tristezas.

Neste texto, nos atentamos para o início dos trabalhos com as crianças, as primeiras atividades que desencadearam a mudança do foco da pesquisa. Por assim ser, começamos a querer saber quem eram essas crianças, seus fazeres, suas ideias e pensamentos, o seu cotidiano e onde o brincar era inserido.

Bela, a professora regente da turma, preparava atividades para as crianças e atividades específicas para duas delas com diagnóstico para Atendimento Educacional Especializado (AEE), em atenção à dificuldade de compreensão do que estava sendo proposto e da fala da professora. Essas atividades consistiam em escrever repetidamente as letras do alfabeto, fazer círculos, quadrados, triângulos, escrever repetidas vezes o próprio nome e/ou palavras simples como casa, carro, sol. Por mais que a professora propusesse atividades diferenciadas, não havia o acompanhamento no desenvolvimento dessas ações. Assim, as crianças deixavam de fazê-las para brincar baixinho com os lápis, com as mãos, com os olhos, ou seja, o lúdico aparecendo ou constituindo-se nos entretempos da escola, semelhante a recursos de sobrevivência.

Na sala de aula “Crianças Maravilhosas”³, haviam seis crianças com laudos de AEE, mas apenas duas apresentavam maiores dificuldades e grande necessidade de acompanhamento.

Todas as terças-feiras (exceto no último horário) e sextas-feiras, as crianças tinham aulas especializadas, ministradas por outras professoras. Nos demais dias e horários, elas assistiam aulas com a professora Bela. Numa sexta-feira, dia 22 de fevereiro, as crianças tiveram o primeiro horário com o professor Roberto.

Nessa aula, ele apresentou por meio de slides, uma introdução à história da arte, seu conceito e os diferentes tipos de manifestações artísticas. As crianças ficaram muito agitadas e cansadas pelo volume de informação. Em seguida, o professor João chegou à sala, cumprimentou as crianças com uma voz baixa e calma, pediu que montassem grupos de quatro estudantes e distribuiu jogos de mesa: xadrez, dama, jogo da velha e jogo da memória. Foi um momento tranquilo, com todas elas participando, sem agressão uns com os outros, muito menos do professor com as crianças, diferente das aulas da professora regente, regadas a vozes alteradas das crianças e da professora:

A aula do professor de Artes chegou ao fim, o próximo professor é de educação física. **Pela primeira vez, desde que comecei a frequentar essa turma, um professor trouxe jogos para as crianças: dama, jogo da velha e jogo da memória.** Também foi o primeiro professor que conversou mansamente com as crianças, por mais que elas estivessem agitadas e eufóricas. Fiquei impressionada com a **delicadeza do professor de educação física ao agir com as crianças.** Com os jogos, **as crianças brincaram, ficaram interessadas em participar. Joguei junto com elas, foi uma experiência agradabilíssima.** Durante a produção com as crianças, a supervisora chamou-as para tomar leite e usar o banheiro. Voltamos para a sala, e as profissionais da cantina da escola passaram por lá e distribuíram bolachas para as crianças. Em seguida, o professor de educação física pediu que as crianças recolhessem os jogos e saiu quando acabou o seu horário. (Nota de campo 07 – aula especializada, grifos nossos).

O respeito mútuo entre as crianças e o professor João me impressionou e provocou em nós outro questionamento: seria possível trabalhar e desenvolver com as crianças adotando atitudes gentis, delicadas, respeitadas e sem gritos? A maioria das crianças já conhecia o professor João desde o 1º ano e relações de

3. Nome fictício dado pelas autoras à turma em questão.

confiança já haviam sido estabelecidas entre eles. Igualmente nós também passamos a acreditar e a querer que nossa parceria com as crianças fosse sustentada por esses valores. Na primeira atividade desenvolvida – jogos de quebra-cabeças – a relação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa foi tumultuada; pouca ou quase nada de sintonia existiu. Entretanto, passamos a pretender que o nosso trabalho fosse baseado na amizade e na liberdade. Para Larrosa (2010), amizade é essa curiosa forma de comunhão com os outros e liberdade é a relação de alguém consigo mesmo:

A amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietados pelo mesmo [...]. A amizade da leitura não está em olhar um para outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo. (LARROSA, 2010, p. 145).

O autor aponta como o ensinar e o aprender, que também envolvem o saber ler e escrever, estão em comunhão com a amizade e a liberdade. Neste ponto da pesquisa, percebemos que estávamos sendo mordidos e feridos pela busca do ensinar e aprender junto com as crianças. A comunhão da amizade e da liberdade estava começando a ser constituída e, nessa busca, fomos realizando diversas ações conjuntas.

A segunda atividade foi mais bem planejada e pensada. Refletimos sobre a ação anterior e a seguinte inquietação se destacou: conhecer os momentos do brincar das crianças no cotidiano da escola, pois, no brincar, poderíamos conhecê-las e percebê-las, nos conhecendo e nos percebendo. Por meio das ações com as crianças, o nosso eu também se constituía. Conforme Quadro 1, o planejamento elaborado para esse dia foi:

Quadro 1 – Nota de campo (25/02/2013).

Teimosias da imaginação: 2ª atividade com as crianças, buscando conhecê-las por meio da música, dança, desenhos e escritas.

Objetivo: Conversar com as crianças para saber mais sobre elas; questioná-las sobre suas vidas, o dia-a-dia, o que elas fazem nos três períodos do dia (manhã, tarde e noite); fazer uma apresentação contando sobre nossas vidas (pesquisadora e professora) para as crianças.

Justificativa: Pensamos que começar conversando com as crianças sobre elas e depois pedir a elas para desenharem o seu cotidiano, um dia “normal” de suas vidas, seria um começo para tentar dar continuidade às tentativas de conhecer melhor cada uma delas.

Ações:

1º momento: chegar mais cedo à sala de aula; liberar o espaço do meio da sala; preparar a filmadora.

2º momento: receber as crianças na sala; fazer uma roda e iniciar uma dança de roda com a música *Sambalelé* (a música e a dança podem trazer boas energias na produção das crianças).

3º momento: pedir às crianças que se sentem em círculo no chão para iniciarmos uma conversa direcionada (posto que já havia começado um diálogo a partir da expressão do corpo na dança); iniciar a atividade contando um pouco de mim, da minha família, o que eu faço durante o dia, à tarde e à noite, mostrando algumas fotos durante a conversa. Perguntar a cada uma das crianças sobre eles, com quem mora, o que fazem.

4º momento: pedir às crianças que façam um desenho e/ou escrevam sobre o que fazem de manhã em um dia comum; entregar-lhes uma folha em branco e pedir que escrevam seus nomes do jeito de cada um.

5º momento: dependendo dos resultados, prosseguimos, entregando mais duas folhas para que desenhassem e/ou escrevessem o que fazem durante a tarde e à noite, caso contrário, continuaremos na outra segunda-feira.

6º momento: pedir às crianças que falem sobre seus desenhos e depois avaliem esta atividade (se gostaram ou não e por quê).

Fonte: As autoras (2013).

O planejamento de atividades pensou o contexto da escola, as crianças, o que já foi desenvolvido para tentar organizar uma próxima atividade de acordo com os interesses da pesquisa. Em busca de criar vínculos e conhecer as crianças, começamos a discutir sobre suas rotinas de vida, tanto em casa quanto na escola. Em um primeiro momento de nossa conversa, optamos por priorizar uma discussão sobre as atividades que elas desempenhavam no período da manhã. Queríamos perceber onde o brincar e os brinquedos apareciam na rotina de cada uma.

No dia em que realizamos essa segunda atividade, havia mais alunos presentes na sala de aula, 18 estudantes de um total de 22, mas o relacionamento com as crianças não foi muito tranquilo. Assim que elas chegaram na segunda-feira, as convidamos para uma ciranda de roda. Seis crianças não queriam dançar a ciranda, resistiram, pois não concordavam com o estilo de música, segundo elas preferiam um *funk* ou *hip hop*, contudo, entraram na roda por imposição da professora Bela. Essa intervenção da professora foi aceita naquele momento, mas preferíamos que ela tivesse respeitado a decisão das crianças de não querer dançar.

Até que a roda ficasse pronta, com as crianças de mãos dadas formando um círculo, e ainda, que fizessem silêncio para que pudéssemos iniciar os trabalhos, mais ou menos vinte minutos se passaram. Esperamos que elas percebessem que gostaríamos de falar, algumas vezes pedia que nos escutassem, porém, o pedido não surtia efeito. Diante dessa situação, a professora Bela gritava, mandando as crianças ficarem quietas. Tal atitude resolvia o barulho e a desconcentração por alguns instantes apenas, mas depois voltavam a agitação, o barulho, a violência corporal e verbal de uns com os outros. Não conseguimos fazer com que as crianças percebessem que, naquele momento, elas precisariam ficar em silêncio para que pudéssemos conversar e desenvolver a atividade. Entendemos, depois, que as crianças necessitavam de vínculos, tempo de relacionamento e de confiança para participarem de uma atividade coletiva.

O tempo de atenção e de envolvimento delas nas atividades propostas era curto, depois o que prevalecia era a dispersão. Mesmo assim, na segunda atividade, dançamos ciranda juntos pela primeira vez, mesmo com a vontade de dançar e de participar sendo tímida por parte de muitas crianças (Figura 1):

Figura 1 – A primeira ciranda com as crianças (24/02/2013).



Fonte: Acervo da pesquisa (2013).

Habitualmente, as crianças que estão atreladas aos jogos, à dança, às brincadeiras de roda e aos desafios motores e rítmicos que fornecem subsídios aos estudantes para um bom aprimoramento físico e melhor coordenação motora, também desfrutam de oportunidades de estabelecer relações, sentir o outro no tato e perceber até quando podemos segurar as mãos sem machucar o amigo, olhar nos olhos e nos perceber com o outro. São experiências construídas com a ciranda, com a roda.

A ciranda na nossa cultura é uma manifestação musical que funde diferentes linguagens (canto, dança, palavra) e aciona instâncias racionais e sensíveis de seus participantes, constituindo-se em uma manifestação de congraçamento e alegria, individual e coletiva. (LOUREIRO; LIMA, 2011, p. 35).

Ao utilizar a ciranda e a música *Sambalelé* com as crianças, pensamos na possibilidade de acionar essas “instâncias racionais e sensíveis”, citadas por Loureiro e Lima, e ainda possibilitar o prazer de estar com outro em uma dimensão em que todos são iguais nas diferenças.

Depois da ciranda, sentamos com as crianças em círculo, e, novamente, fizemos outra parada para o silêncio, demonstrando a elas que gostaríamos de prosseguir com a atividade, provendo um momento de conversa (a professora Bela interveio outra vez, exigindo a quietude das crianças). Para iniciar a conversa, contamos às crianças sobre a nossa rotina em um dia comum, mostramos fotos de família, falamos um pouco da nossa história de vida e o que fazíamos na faculdade. Em seguida, cada estudante disse o nome, contou o que fazia em casa e quem fazia parte da sua família. As crianças, na maioria, descreveram e enfatizaram os serviços domésticos e as pessoas com quem moravam; perguntamos-lhes muitas vezes sobre as brincadeiras e os brinquedos, pois a maioria dos estudantes não falava por vontade própria. Além do trabalho em casa, as crianças disseram que gostavam de soltar pipa, brincar com o cachorro e com os amigos do bairro, jogar futebol e vídeo game. Nesse primeiro bate-papo, a timidez, o não saber como e o quê falar, e a inquietude de não conseguir escutar o colega marcaram o início dos trabalhos.

Figura 2 – Roda de conversa com as crianças (25/02/2013).



Fonte: Acervo da pesquisa (2013).

Depois de uma rápida conversa, passamos para a produção de desenhos, pois pretendíamos explorar com elas várias linguagens. Propusemos às crianças que desenhassem e/ou escrevessem o que elas faziam na parte da manhã primeiramente (Figura 3). Dividimos o dia-a-dia em manhã, tarde e noite. Pensávamos que separando, especificando os turnos do dia,

haveria uma possibilidade maior das crianças se lembrarem para desenhar as brincadeiras e os brinquedos que tinham, ao invés de pedir que relatassem todo um período de um dia comum. Contudo, a maioria das crianças não desenhou e/ou escreveu sobre o que fazia no período da manhã, mas durante todo o dia.

Figura 3 – Registro de uma das crianças desenhando e/ou escrevendo sobre a rotina dela em um dia comum (25/02/2013).



Fonte: Acervo da pesquisa (2013).

Os lugares utilizados pelas crianças para produzir seus desenhos não foram por nós determinados e também não as separamos em grupos. Os materiais usados – lápis, canetinhas, giz de cera, apontadores, réguas e papel branco no formato A4 – foram levados por nós para que fossem agregados aos materiais que alguns estudantes já possuíam (a prefeitura, todo início de ano, entrega a todos os estudantes um kit escolar com materiais escolares, mochila e uniforme, porém ainda não o havia entregado na escola pesquisada). A maioria trazia em suas mochilas os cadernos e o lápis de escrever, poucas tinham lápis de colorir e/ou tesoura e/ou cola e/ou régua, entretanto, todas tinham cadernos. Elas se deleitaram com o material de desenho. Algumas crianças sentaram-se no chão, outras nas carteiras, poucas se sentaram sozinhas, a maioria formou pequenos grupos de duas a seis crianças. Aqui, começava nossa atenção para as maneiras próprias das crianças fazerem o que lhes era solicitado.

Nesse dia de atividade, conflitos entre as crianças aconteceram por causa do uso dos materiais para desenhar e escrever. A consciência de posse, de ser dono do material, a impossibilidade de empréstimo de uns para outros, a falta do aprender a compartilhar e a usar coletivamente os materiais começou a se apresentar. Destaque para as manifestações corporais das crianças com seus pares, tais como empurrar, chutar, beliscar e dar tapas, que ficaram mais intensas nesse dia, manifestações orais com xingamentos entre as crianças também ficaram evidentes. Diante desse quadro, a professora Bela gritava para pedir silêncio em vários momentos da atividade, que durou uma hora. Depois que as crianças terminaram, fomos para o corredor ao lado da sala, sentamos em círculo e cada criança apresentou o seu desenho.

É necessário destacar que a saída da sala com as crianças também não foi tranquila, nem mesmo a permanência no corredor. Tapas,

empurra-empurra, os gritos das crianças com os outros se confundiam com os gritos da professora Bela. Essas formas de relacionamento ficavam cada vez mais marcantes.

Foi possível perceber, entre os adultos da escola, a cultura de pensar nas crianças como seres naturalmente bonzinhos, quietinhos, calmos, como “anjos” e na disciplina para que assim permanecessem, porém, sabemos que elas são reais, fruto do seu tempo e que se constituem no coletivo. As crianças são seres complexos, sentem dor, (re)produzem violências, são amorosas e agressivas, desrespeitam (e são desrespeitadas), são constituídas e se constituem no seu mundo.

A violência e a desordem podem ser entendidas como um ato de resistência, não adaptação às ordens impostas pela escola:

Na verdade, essa bagunça deve ser entendida principalmente como crítica, como reação, ao nível do entendimento daquelas crianças. Os alunos favelados são principalmente maus alunos: são críticos, bagunceiros, rebeldes. A criança tem que ser sujeito da sua própria transformação e não aluno-objeto-apático a ser enquadrado. Ela deve trazer seu mundo para dentro da escola a fim de trabalhá-lo. Além disso, sabe-se que é preciso trabalhar com a bagunça, a rebeldia, a crítica, a violência. (LEAL, 1996, p. 44).

As crianças durante a construção dos desenhos-escritas nos chamavam o tempo todo para vermos o que estavam fazendo, pediam que desenhássemos coisas que elas julgavam não saber fazer, como um sol, uma casa, nuvens e flores. As crianças se imitavam, preocupavam em perceber os trabalhos uns dos outros para tomar suas próprias decisões, mas não se tratava de copiar, e sim perceber o outro e se ver nesse outro potente a sua potência.

Quando chegamos ao corredor, sentamos em círculo e cada criança mostrou o seu desenho e falou sobre ele. A maioria desenhou-

escreveu sobre a rotina de um dia comum, o local onde morava e com quem morava. Não desenharam-escreveram apenas o que faziam de manhã, tal como havíamos combinado. Apresentaram suas produções, descrevendo-as, mas, ainda assim, perguntávamos mais

coisas sobre o brincar delas. Às crianças que não falavam sobre o brincar, perguntamos especificamente como e com o que brincavam. No quadro abaixo, apresentamos a transcrição das respostas das crianças:

Quadro 2 – Respostas das crianças na apresentação dos desenhos-escritas sobre o que faziam durante um dia comum (25/02/2013).

Nomes ⁴	Respostas
Luiza	“Eu desenhei o sol, a casa, o meu nome, a minha cozinha, uma jarra de flores, o meu quarto e o meu cachorro. Eu mais a minha irmã de manhã a gente acorda, toma café e depois almoça para vir à escola. A minha avó mora do lado da minha casa e a gente sempre vai lá ficar com ela um pouquinho. Eu brinco com o meu cachorrinho e com a minha irmã e minhas amigas”.
Larissa	“Eu desenhei que acordei, fui até a janela ver o jardim, fui aguardar as plantas e depois para o meu quarto brincar. Eu brinco com minhas amigas e brinco de boneca”.
Maria Letícia	“Eu desenhei a casa, o sol, as nuvens, uma árvore e o meu nome. Eu acordo, arrumo meu quarto, vou tomar café e vou brincar. Eu brinco de escolinha, de casinha. Eu gosto de brincar”.
Isadora	“Eu desenhei eu andando de bicicleta, assistindo televisão, tomando banho. Eu gosto de desenhar e brincar com meu irmão. Eu ando de bicicleta, brinco de boneca. Às vezes eu brinco sozinha e as vezes eu brinco com minha irmã e com meu irmão. Eu também brinco com meu cachorro”.
Eduardo	“Eu desenhei uma casa, o carro, a nuvem e o sol. De manhã eu limpo a casa, lavo o banheiro. Eu trabalho de segurança com meu pai, ele vigia uma construção e lá eu não posso brincar, só na minha casa. Eu brinco de vídeo game, de pique esconder, pique altinha, pique pega”.
Lilian	“Eu desenhei a cama, a nuvem, minha casa, os matinhos, a janela, minha mãe e meu pai. De manhã eu levando, escovo os dentes, tomo café, limpo a casa para minha mãe, varro, passo pano, lavo a área e só. Eu não gosto de brincar, tenho boneca, às vezes eu jogo futebol, mas não gosto de brincar”.

4. Os nomes das crianças são fictícios e as falas foram autorizadas por seus pais, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Jéssica	“Eu desenhei eu assistindo televisão, uma casa e o sol. De manhã eu acordo, escovo meus dentes, vou para casa da minha babá com minha mochila e minha sacola de roupa. Eu fico assistindo desenho na televisão, quando não tem ninguém para brincar eu brinco com minhas gatinhas que se chamam Nina e Julia. Daí eu volto para casa dos meus tios, tomo meu banho, almoço e venho para cá [escola]. Daí, depois da escola, eu vou para casa brincar com meus primos e, às vezes, eu vou para a casa da minha outra prima pegar goiaba para comer. Depois eu arrumo a casa para minha tia, passo pano, tiro as roupas do varal, faço um monte de coisa. Depois eu tomo banho e vou dormir”.
Alex	“Eu desenhei um sol, duas nuvens, um carro e uma garagem. Eu acordo de manhã, escovo os dentes, jogo um pouco de vídeo game, pipa, eu brinco um pouco, depois eu vou almoçar, tomar banho e arrumar para ir à escola e só”.
Francisco	“Eu desenhei uma casa, uma garagem, duas nuvens, um sol e um carro. De manhã eu escovo os dentes, solto pipa e jogo futebol. Depois eu fico dentro de casa, eu não brinco porque eu não gosto. Todo carrinho que eu pego eu quebro. Eu não tenho vídeo game e se eu tivesse eu jogaria”.
Fábio	“Eu desenhei uma casa, chuva, chuva, chuva. De manhã eu tomo leite, pego o meu cachorro e ponho dentro de casa, faço comida, eu ponho açúcar no leite e faço doce de leite com leite estragado. Eu só brinco de manhã e a tarde eu saio da escola e vou para o campo jogar futebol”.
Luiz	“Eu desenhei uma casa, a nuvem, o sol, minha mesa de jantar e eu jogando futebol. Eu gosto de jogar futebol com meu irmão e um amigo no campinho e só” .
Marcos	“Eu desenhei o sol, a nuvem e um campo de futebol. De manhã eu acordo, escovo os dentes, tomo café, e vou jogar vídeo game, mas eu jogo só de vez em quando, daí eu brinco com meus amigos de bola e pipa”.
Iasmim	“Eu desenhei a minha casa. De manhã eu acordo, tomo café, assisto desenho na televisão e depois eu brinco um pouco de boneca, ando de bicicleta e só”.
Rosana	“Eu desenhei a minha casa, a escola e a casa da minha amiga. De manhã eu escovo os dentes, arrumo minha cama, arrumo a cozinha para minha mãe, varro a casa e vou brincar depois. Eu brinco de escolinha”.

Ellen	“Eu desenhei uma casa, meu nome e as nuvens. De manhã eu arrumo os materiais e vou para casa de uma pessoa que está me olhando, eu tomo banho, escovo os dentes lá e venho para escola. Eu brinco de laptop e de boneca”.
Jorge	“Eu desenhei eu, meu pai, minha mãe, minha namorada, a nuvem, o sol e a casa. De manhã eu acordo, escovo os dentes, jogo vídeo game, tomo banho e vou para escola. À tarde eu volto para casa”.
Rose	“Eu desenhei eu dormindo, a casa, uma escada, o sol, as nuvens. De manhã eu arrumo a casa, cuido do meu irmão, espero a minha irmã chegar para ir para escola e aí ela arruma a comida para gente almoçar. Eu gosto de brincar com a minha boneca, de panelinha, eu gosto de bola também”.
Fabíola	“Eu desenhei eu fazendo café da manhã. De manhã, eu acordo, troco de roupa, arrumo minha a cama, escovo os dentes, assisto um pouco de televisão e converso com meu vizinho. Eu brinco muito, brinco de correr atrás do meu cachorro que é muito sapequinha, ele suja a minha roupa. Tenho umas bonecas velhas e um vídeo game. Mas eu gosto mesmo é de brincar com meu cachorro”.

Fonte: Acervo da pesquisa (2013).

O que podemos dizer sobre as explicações apresentadas pelas crianças? O que elas mostraram sobre elas e suas culturas, pensamentos, gestos, desenhos? Percebemos que as crianças apresentaram muito delas, mas ainda era pouco perto do que ainda viria na trajetória da pesquisa. As crianças, com seus desenhos-escritas, buscaram apresentar seus modos de viver de maneira alegre; a maioria dos desenhos estava colorida, o sol predominou em todos os desenhos e a casa como referência de lugar para morar; as crianças tentaram se desenhar brincando, fazendo as ações de

seus cotidianos. Muitas, na apresentação, falaram de si mesmas sorrindo e, em nenhum momento, qualquer criança descreveu atos de violência, demonstrando que, por mais que haja sofrimento, elas resistem e se esforçam em não pensar sobre isso e lembrar somente dos bons momentos. A resiliência das crianças, a capacidade de superação apesar das adversidades, é fantástica e impressionante, o que as tornava cada vez mais especiais para nós.

Nesse mesmo dia, vários desenhos foram produzidos pelas crianças, conforme Figura 4:

Figura 4 – Desenho da aluna Isadora (25/02/2013).



Fonte: Acervo da pesquisa (2013).

O que chama a atenção nesse desenho é o movimento das imagens, as várias ações representadas, como o andar de bicicleta, uma pessoa grande tomando banho e uma criança também tomando banho, a criança sentada brincando com o cachorro, as diferentes peças de roupas, as pessoas numa sala assistindo à televisão, o ato de dormir, uma pessoa passando a mão em um cachorro com apenas metade do corpo desenhado, transmitindo a ideia de que ele está saindo da cena ao lado onde estão outras duas pessoas.

Outro ponto que impressiona é a disposição das figuras em formato de quadrinhos, como se quisesse representar uma sequência de ações em um mesmo espaço. Foram muitos os detalhes que a Isadora quis representar nesse desenho, porém, a sua fala na apresentação foi sucinta, descrevendo em poucas palavras o que havia desenhado e sobre sua rotina de vida.

Essa criança disse muito sobre ela em forma de desenho, a fala não foi o melhor jeito encontrado por ela para expor seus pensamentos. Essa diversidade de poder conseguir encontrar maneiras de dizer e respeitar é um processo de aprender a aceitar o outro e compreender seus modos de se mostrar ao mundo.

A Fabíola, no seu desenho, retratou o ato de fazer o café da manhã. O forro da mesa com detalhes em “v”, o jarro de flor, uma pia com torneira e um pingo d’água caindo, a criança segurando o copo, caracterizando a ação de tomar o café, e novamente o uso de cores fortes e vibrantes foram os pontos fortes do desenho de Fabíola. Dentre todas as ações do seu cotidiano, ela escolheu desenhar esse momento, por quê? Na sua apresentação aos colegas, ela descreveu que fazia o café, arrumava a casa, brincava com o seu cachorro.

Outro desenho foi feito por Eduardo, uma

das duas crianças com maior dificuldade de aprendizado das atividades do currículo. O que nos chamou a atenção foram os traços bem feitos, os contornos e os preenchimentos delimitados, o uso de figuras geométricas como triângulo, quadrado, retângulo, círculo, retas e curvas. Essa criança nos mostrou ter conhecimentos de percepções visuais e espaciais bem desenvolvidas, além de perceber as cores e utilizá-las de tal forma que ficaram vivas, nítidas.

Uma das crianças, a única a desenhar utilizando os dois lados da folha, representou a sua rotina. Em um deles, a ideia que nos apresenta é de que a Luiza procurou representar a área externa e depois o interior da sua casa. Ela representou três partes de um ambiente num mesmo lado da folha, além de tentar escrever o nome cachorrinho, entretanto, escrevia “carrinho”. Os tamanhos dos objetos estão na proporção da realidade dela, as cores vibrantes e a presença da religiosidade foram detalhes que nos chamaram a atenção. Na apresentação aos colegas, ela falou muito do que desenhou, se expressando com desenvoltura e alegria.

Na maioria das apresentações, as crianças relataram que faziam algum tipo de serviço doméstico, demonstrando, assim, que elas precisam dividir o tempo de brincar durante o dia com outras tarefas. Nos desenhos, percebemos que o espaço desenhado foi estruturado de maneira diferente por cada aluno.

Percebemos ser o futebol o esporte mais praticado pelos alunos. O desenho do Luiz, por exemplo, apresentava um jogo de futebol. A paixão pelo esporte é tamanha que a casa e a outra representação no meio do papel ficaram menores se comparados ao tamanho do campo de futebol desenhado-escrito. Isso só pode nos dizer que o Luiz gostava imensamente de jogar futebol. O sol parece estar tímido perto da alegria que se mostrava pelo jogo.

As crianças representaram a vida, o que elas eram, como eram e de que maneira

interpretavam a si mesmas, as pessoas mais próximas e os lugares que frequentavam. Os estudantes que desenharam-escreveram a rotina de um dia, não representaram a escola, por quê? Na descrição oral algumas diziam sobre a preparação e a ida para a escola, mas ninguém desenhou a escola. A casa e a natureza foram os desenhos que as crianças mais produziram; uns desenharam casas e algum momento da rotina doméstica; outros já descreveram toda a rotina do dia e o brincar. O trabalho doméstico ficou bem evidente nessas produções infantis e também nos chamou a atenção. Elas deixavam de brincar para ajudar os pais e/ou responsáveis nos serviços de casa.

O tempo de brincar foi colocado pela grande maioria das crianças em segundo plano, pois, muitas delas, brincavam quando sobrava tempo, depois de realizar os trabalhos em casa. Uma criança, ao mostrar o desenho, disse que não gostava de brincar, mas relatou que soltava pipa. Interessante é pensar no que ela considerava ser uma brincadeira. Empinar a pipa não era considerado uma brincadeira para essa criança. Outra, ao mostrar o seu desenho, também disse que fazia trabalhos domésticos, e ao lhe questionarmos se brincava, ela nos respondeu que não. Repetimos a pergunta e novamente ela disse que não brincava de nada porque não gostava e não quis dar mais justificativas. Por outro lado, todas as outras crianças disseram brincar de boneca, de escolinha, de futebol, com o cachorro, porque gostavam de brincar.

Fazer com as crianças também significa fazer o que elas fazem. Desenhamos nossa rotina matinal e a apresentei às crianças. Muitas disseram que nunca conseguiriam desenhar como nós; outras duvidaram que o desenho foi feito por nós. No transcorrer das ações, a professora Bela entrevistava nas conversas das crianças, pedindo silêncio e quietude e as crianças por alguns momentos obedeciam, mas continuavam com seus jeitos de se relacionarem.

Considerações finais

As crianças, a cada dia, nos mostravam que para além de aprender a decifrar códigos da escrita, elas precisam ser escutadas, respeitadas e que também escrevem e se expressam por meio de desenhos, movimentos corporais e pela fala.

A pressão para a alfabetização e o letramento é muito grande sobre elas e sobre os professores. O tempo de aprender, de conversar

sobre elas, seus desejos, suas angústias e saberes quase não existe.

Naquela turma de 3º ano, as crianças tentavam nos entretempos, nas ações que começamos a desenvolver com elas, fazer tudo àquilo que precisavam, necessitavam, mas não podiam: se expressar de diferentes maneiras. A escola e o sistema se preocupam muito mais em resultados e estatísticas que na verdadeira aprendizagem humana e fertilizadora das crianças.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEAL, A. **Fala Maria Favela**: uma experiência criativa em alfabetização. São Paulo: Ática, 1996.

LOUREIRO, M.; LIMA, S. R. A. de. As cirandas brasileiras e sua inserção no ensino fundamental e nos cursos de formação de docentes. **CEART**, Florianópolis, v. 1, set./dez. 2011. Disponível em: < http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/files/9/03MUSICA_Maristela.pdf >. Acesso em: 2 set. 2013.

Submetido em 25 de abril de 2014.

Aprovado em 10 de julho de 2014.